

3º encontro do Grupo de Pesquisa Escritos Suspeitos

# 3º ESCRITOS SUSPEITOS

# 2021

INVESTIGAÇÃO E CRIME EM  
PERSPECTIVA INTERMIDIÁTICA



**Programa de Pós-Graduação em Estudos de Literatura da UFF**  
**Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da UERJ/FFP**

**Organização**

Prof.<sup>a</sup> Carla Portilho (UFF)

Prof.<sup>a</sup> Maria Cristina Ribas (UERJ/FFP)

Prof. Pedro Sasse (UERJ/FFP)

**Niterói, 2021**

# PROGRAMAÇÃO

## Terça-feira, dia 17 de agosto

- 13h-1415** **Conferência de abertura**  
Detecting gender (spectrum) in the language of female detectives in mainstream TV series  
*Sonia Melchiorre (Universidade da Tuscia)*
- 14h30-15h45** **Comunicações (sessão 1)**  
A tradição detetivesca  
*Ana Raquel Silva, Isabela Lopes, Marcela Miller, Tassiane Santos, Vera Carvalho Assunção*
- 16h-17h50** **Mesa-redonda (sessão 1)**  
Interseções do crime  
*André Cabral de Almeida Cardoso (UFF), Maria Cristina Ribas (UERJ/FFP), Pedro Sasse (UERJ/FFP) e Vanessa Cianconi (UERJ)*

## Quarta-feira, dia 18 de agosto

- 13h-14h30** **Mesa-redonda (sessão 2)**  
Narrativa criminal lusófona: Portugal e Angola  
*Andreia Castro (UERJ), Carla Portilho (UFF), Maria Cristina Batalha (UERJ)*
- 14h45-16h30** **Comunicações (sessão 2)**  
O feminino no crime  
*Arthur de Araújo, Camille Pedrosa, Glauca Secco, Isadora Fernandes, Luciana Ferreira*
- 16h45-18h15** **Mesa-redonda (sessão 3)**  
Configurações do crime no Brasil  
*Ana Porto Gomes (UNICAMP), Dejair Martins (UERJ) e Leonardo Nahoum (UFF)*

## Quinta-feira, dia 19 de agosto

- 13h-14h30** **Comunicações (sessão 3)**  
Narrativas criminais brasileiras do séc. XX  
*Daniel Pessanha, Henrique Oliveira, Leonardo Gomes, Raquel Morais*
- 14h45-16h15** **Comunicações (sessão 4)**  
Estado, violência e crime  
*Elisabeth Martini, Sergio Martins, Suellen Batista, Thais Martins*
- 16h30-18h** **Mesa-redonda (sessão 4)**  
Crime e mentes conturbadas  
*Luciano Cabral (UERJ), Olga Kempinska (UFF), Pascoal Farinaccio (UFF)*
- 18h15-19h30** **Encerramento**  
Balkan Noir  
*Cal Smyth (autor e roteirista)*

# SUMÁRIO

<b>CONFERÊNCIAS INTERNACIONAIS</b>	<b>1</b>
DETECTING GENDER (SPECTRUM) IN THE LANGUAGE OF FEMALE DETECTIVES IN MAINSTREAM TV SERIES	2
BALKAN NOIR	4
<b>INTERSEÇÕES DO CRIME</b>	<b>5</b>
TÉCNICAS DA VISÃO: INVESTIGANDO A IMAGEM EM <i>BLADE RUNNER</i> E <i>BLOW-UP</i>	6
<i>SKELETON PARTYGIRL</i> NO FILME DE ANA LILY AMIRPOUR	7
<i>JEJUNE INSTITUTE</i> : INVESTIGAÇÃO E CONSPIRAÇÃO EM JOGOS DE REALIDADE ALTERNATIVA	8
A PRIMEIRA GUERRA E OS PRIMEIROS CASOS DO DETETIVE DE SEABURY QUINN	9
<b>NARRATIVAS CRIMINAIS LUSÓFONAS: PORTUGAL E ANGOLA</b>	<b>10</b>
CRIMES E SENSACIONES: OS MISTÉRIOS DE CAMILO CASTELO BRANCO E GERVÁSIO LOBATO	11
A HISTÓRIA CONTA A HISTÓRIA: O OLHAR DE PEPETELA SOBRE ANGOLA EM <i>JAIME BUNDA, AGENTE SECRETO</i>	12
O OUTRO LADO DE UM CRIME: O SEGREDO DA MORTA, DE ANTÓNIO DE ASSIS JÚNIOR	13
<b>CONFIGURAÇÕES DO CRIME NO BRASIL</b>	<b>14</b>
<i>MATTOS, MALTA OU MATTA?</i> DE ALUÍSIO AZEVEDO: MAIS QUE UM ROMANCE POLICIAL	15
DISTOPIA, CRIME E POESIA: UMA LEITURA DO BRASIL 2020 EM <i>A GERAÇÃO QUE ESMOBOU SEUS VELHOS</i> , DE RICARDO LISIAS	16
A EMPRESA EDITORA BRASILEIRA E SUA COLEÇÃO DE “GRANDES ROMANCES POLICIAIS”: BRASILEIROS ESCRIVENDO LITERATURA DETETIVESCA NOS ANOS 1930 SOB A ÉGIDE DO PSEUDÔNIMO ANGLO-SAXÃO?	17
<b>CRIME E MENTES CONTURBADAS</b>	<b>19</b>
A POÉTICA DO DESCONFORTO EM <i>A CASA QUE JACK CONSTRUIU (2018)</i> , DE LARS VON TRIER	20
O NÃO-DITO E O MAL DITO	21
SHERLOCK HOLMES E O DR. FREUD: A ATENÇÃO AOS DETALHES (APARENTEMENTE) INSIGNIFICANTES	22
<b>A TRADIÇÃO DETETIVESCA</b>	<b>23</b>

UM OLHAR PARA O FUTURO: GÓTICO URBANO E CULTURA MIDIÁTICA NA TRILOGIA DETETIVESCA CLÁSSICA DE EDGARD ALLAN POE	24
CONTEMPLANDO PISTAS: ANALISANDO HOLMES ATRAVÉS DE AUTORES BRASILEIROS	25
FICÇÃO CRIMINAL COMO LITERATURA GLOBAL: O CASO DO <i>NORDIC NOIR</i>	26
O DETETIVE NA SENSATION NOVEL INGLESA: O AGENTE CARTER EM "UM CRIME MISTERIOSO" DE MARY E. BRADDON	27
BRASILEIRAS QUE ESCREVEM ROMANCES POLICIAIS	28
<b>O FEMININO NO CRIME</b>	<b>29</b>
"COM A MÃO FIRME E DOCE" SE SUBVERTE O SISTEMA: CRIMES (D)E GÊNERO EM MARIA TERESA HORTA	30
PRIMEIRAS DAMAS DO CRIME: UM OLHAR SOBRE A COMPLEXA FUNÇÃO DAS MULHERES CAMORRISTAS	31
O DELITO COMO MÁQUINA DE JUSTIÇA: COMO MATAM AS MULHERES QUE MATAM HOMENS?	32
POR TRÁS DE UM GRANDE HOMEM: MULHERES DE CRIMINOSOS COMO PROTAGONISTAS EM NARRATIVAS CRIMINAIS	33
MEU AMOR VAI ME MATAR: A NARRATIVA CRIMINAL EM LINDONÉIA	34
<b>NARRATIVA CRIMINAL BRASILEIRA DO SÉCULO XX</b>	<b>35</b>
OS <i>FAIT DIVERS</i> E A DRAMATURGIA RODRIGUIANA: UM ESTUDO DA PEÇA <i>BOCA DE OURO</i> , DE NELSON RODRIGUES, SOB A PERSPECTIVA CRIMINAL	36
"OS GATUNOS AGEM A VONTADE": NOTÍCIAS SOBRE ROUBO E IDENTIFICAÇÃO CRIMINAL NA IMPRENSA EM SALVADOR (1911- 1914)	37
LÚCIO CARDOSO, ARTISTA MÚLTIPLO: RELATOS DA EXPERIÊNCIA CARDOSIANA COM O TEATRO E O CINEMA	38
MISTÉRIOS DE PAGU: UMA INCURSÃO NA <i>PULP FICTION</i> DE PATRÍCIA GALVÃO	39
<b>ESTADO, VIOLÊNCIA E CRIME</b>	<b>40</b>
INFANTES E INFANTICIDAS NA NARRATIVA CURTA DE FIALHO DE ALMEIDA	41
ADOLESCENTES E NARCOTRÁFICO	42
CRIMES NA BUCÓLICA: BARBÁRIE NO ROMANCE <i>MOSCOW</i> , DE EDRYR AUGUSTO	43
A NARRATIVA CRIMINAL REGIONALISTA EM <i>DEUS E O DIABO NA TERRA DO SOL</i> , DE GLAUBER ROCHA.	44

# RESUMOS

**CONFERÊNCIAS INTERNACIONAIS**

## **DETECTING GENDER (SPECTRUM) IN THE LANGUAGE OF FEMALE DETECTIVES IN MAINSTREAM TV SERIES**

*Sonia Maria Melchiorre (Universidade de Tuscia)*

### **1. TV series as fiction at its best**

TV series have come to represent contemporary fiction at its best, finally resulting in a rich blend of discursive and linguistic practices succeeding in engaging the audience in new communication processes. (Melchiorre 2018) Still considered too ‘trivial’ by scholars in the 1980s, because the expression of ‘popular’ culture, ergo not deserving critical attention, TV series started to be seriously investigated in the 1990s, when the new production model resorted to a more direct involvement of Hollywood scriptwriters, directors and producers. (Bednarek 2018)

### **2. Female investigators in TV series**

The narratives considered in my contribution feature different types of female sleuths as protagonists, and offer an in-depth analysis of the representation of female characters in mainstream tv crime/detective shows in the 21<sup>st</sup> century : *Los Hombres de Paco* (2005-2010), *The Good Wife* (CBS 2009-2016), *Supergirl* (CW 2015-), *Rizzoli and Isles* (2010-16), *The Mysteries of Laura* (2014-16), *CSI Cyber* (2015-16), *I Bastardi di Pizzofalcone* (2017, 2018, 2021), etc.

### **3. Linguistic worth and genderised language**

The language analysis proposed here is mostly based on dialogues and interactions and focuses on the development of the figure and the language of female investigators in recent American, British, Spanish and Italian television series. Television appears here as one of the “agents of communication” (Lippi-Green 2012) and represents an important source of information about language and society (Bednarek 2018; Coupland 2007). A transdisciplinary approach to dialogue in TV series is proposed in order to fully understand the innovative pedagogical use of television with its “focus on emotionality and entertainment” (Bednarek 2018: 23).



In addition, a more specific approach, borrowing from the most recent theories proposed in gender and LGBTQ studies, will also prove useful in the analysis of the vocabulary/jargon under scrutiny.

## BALKAN NOIR

*Cal Smyth (autor e roteirista)*

In the Balkans, noir is a way of life, with love and crime entwined. The first novel of my quartet, [\*The Balkan Route\*](#), is a detective investigation based on interviews with police inspectors & first-hand insights into the Balkan drug route. It's also a love letter to [\*Belgrade\*](#), a city where real life is larger than fiction. A city full of culture and history, but social situations made crime thrive. With crime fiction becoming reality, I ended up getting a woman I loved out of prison – turning the events into [\*The Woman with a Bullet in Her Leg\*](#), a real-life thriller that is also a tragic drama and doomed romance. *The Clan* is a mafia biopic that chronicles the rise & crackdown of Serbian criminal clans over a decade. Piecing together the complex history of Serbian criminality was an investigation itself - the novel a homage to the journalists who exposed corruption and ended up assassinated. *Balkan Warriors* is the last of the quartet, a fictionalized account of a real police operation that brought down the Balkan cocaine cartel. With the Balkans a perfect backdrop for crime fiction, anthologies such as *Belgrade Noir* and *Zagreb Noir* have recently been published. There's also the true-life events behind 'The Pink Panthers' jewel gang, a book being turned into a TV series with insights from the gang's never caught leader. This is the story of Balkan Noir...

**MESAS-REDONDAS**

**Interseções do crime**

## **TÉCNICAS DA VISÃO: INVESTIGANDO A IMAGEM EM *BLADE RUNNER* E *BLOW-UP***

*André Cabral de Almeida Cardoso (UFF)*

*Blade Runner* (1982), de Ridley Scott, tornou-se um filme *cult*, em grande parte, por causa do impacto de sua linguagem visual. *Blade Runner* explora a condição das imagens como um produto técnico e sua relação com a memória e o consumo, além de estabelecer uma correlação entre criar imagens e produzir seres humanos artificiais. Em uma das cenas mais memoráveis do filme, o detetive Rick Deckard usa um computador para escanear, cortar e ampliar uma fotografia a fim de encontrar pistas sobre o paradeiro do grupo de andróides que estava encarregado de destruir. Ao longo desse processo, a foto adquire uma profundidade e um movimento inesperados à medida que Deckard penetra na imagem. Já em *Blow-Up* (1966), de Michelangelo Antonioni, um fotógrafo convertido em detetive amador produz uma série de ampliações da mesma foto até revelar um crime que se escondia por trás de sua superfície. Em ambos os casos, tecnologias de visão se tornam uma forma de trazer à luz algo que antes permanecia oculto. O objetivo desta apresentação é examinar as maneiras como a fotografia é explorada nessas duas cenas e como a sua manipulação apresenta relações inesperadas com o real e com a própria natureza da representação. O fato de essa manipulação ocorrer em conexão com uma investigação mostra a fotografia como um tipo de visão intensificada, abrindo a possibilidade de uma narrativa que pode tanto esclarecer, quanto aprisionar.

***SKELETON PARTYGIRL NO FILME DE ANA LILY AMIRPOUR***

*Maria Cristina Ribas (UERJ/FFP)*

Quando uma Garota sombria caminha pela noite e se aloca sob suspeição, quando transita (como se) no Irã, quando esta cidade é Bad City, reduto de prostitutas, cafetões e traficantes mas a locação (na verdade?) é em Taft, Califórnia, região famosa pelas atividades de perfuração de petróleo e parcial clima de faroeste, estamos dentro do fantástico filme de Ana Lily Amirpour (2014). Entre o crime e o castigo, entre o chador e a cabeça descoberta, entre a leveza teen no skate ruidoso e a vingadora vampiresca numa história vivida, uma garota sem nome passeia. Nossa proposta é desentranhar as referências e combinações (Rajewsky, 2012) de culturas e mídias que delicadamente violentam a narrativa fílmica.

## ***JEJUNE INSTITUTE: INVESTIGAÇÃO E CONSPIRAÇÃO EM JOGOS DE REALIDADE ALTERNATIVA***

*Pedro Sasse (UERJ/FFP)*

No dia 27 de março de 2007, o então senador Arthur Virgílio fez um discurso no plenário defendendo seu estado de origem, o Amazonas, contra o que seria uma ameaça gravíssima: uma empresa chamada Arkhos Biotech apresentava, em seu site, planos para uma privatização da Amazônia. O que o senador desconhecia é que estava diante de um jogo de realidade alternativa (JRA), e nem a ameaça, nem a empresa e muito menos o site eram reais. Em uma definição sintética, poderíamos dizer que os JRA são experiências narrativas coletivas, não-lineares, interativas e transmidiáticas, em que uma história é disseminada de forma fragmentada, subliminar e críptica através de diversos meios e cabe a seu público encontrar, organizar e decifrar suas partes, aprofundando-se no enredo (Garcia; Niemeyer, 2017). Muito usada hoje como ferramenta de marketing, seu funcionamento já era previsto por G. K. Chesterton em “The Tremendous Adventures of Major Brown” (1903) ao imaginar uma empresa que era contratada para simular eventos extraordinários na vida ordinária das pessoas, levando-as a aventuras como as encontradas nos romances. Longe de ser coincidência, o fato de Chesterton apresentar uma das primeiras menções ao que viria a ser conhecido como JRAs está ligado a mecânica central que rege esse tipo de experiência: a exploração do mistério e da investigação como forças motrizes da narrativa. Propomos, assim, um estudo de *Jejune Institute* (2008), de Jeff Hull, apontando as relações entre os jogos de realidade alternativa e alguns temas e mecânicas recorrentes da narrativa criminal.

## **A PRIMEIRA GUERRA E OS PRIMEIROS CASOS DO DETETIVE DE SEABURY QUINN**

*Vanessa Cianconi (UERJ)*

*Weird Tales* é uma revista *pulp* com enorme publicação na primeira década do século XX nos Estados Unidos da América. Curiosamente, Seabury Quinn, um dos autores *pulp* mais famosos de então, caiu no esquecimento no mundo contemporâneo. Criador do detective francês ocultista e sobrenatural Jules de Gradin, Quinn era considerado um contista menor e suas histórias foram marginalizadas por muito tempo pela crítica especializada por serem pouco criativas e muito mercadológicas. Este trabalho pretende desmistificar Quinn, não somente como o criador de um detetive sobrenatural com inegáveis semelhanças com Sherlock Holmes, de Conan Doyle e caguetes à la Hercule Poirot, de Agatha Christie, mas como alguém que, fortemente influenciado pela 1ª Guerra Mundial e suas trincheiras de horror, criou personagens monstruosos que entre os anos de 1925 e de 1933 assombraram a terra desolada estadunidense, reforçando a teoria do historiador W. Scott Poole que a Grande Guerra deu origem ao horror moderno. O significado do monstro e da aparição do fantasma em contos como “The Horror on the Links” (1925), “The Tenants of Broussac” (1925) e “The Dead Hand” (1926), trazem à tona o que é a terra devastada, a que não ficou somente no imaginário de T. S. Elliot com seus corpos mutilados, mortos que voltavam à vida e o ruído incessante de desejos primais pela destruição. A Era dos Extremos, de Eric Hobsbawn foi, na verdade, uma era de horror que parece hoje como uma encenação insistente e febril da Grande Guerra que deu origem ao nosso mundo.

**MESAS-REDONDAS**

**Narrativas criminais lusófonas: Portugal e Angola**



## **CRIMES E SENSações: OS MISTÉRIOS DE CAMILO CASTELO BRANCO E GERVÁSIO LOBATO**

*Andreia Castro (UERJ)*

O objetivo da comunicação é analisar, em perspectiva comparada, como Camilo Castelo Branco (1825-1890) e Gervásio Lobato (1850-1895) representaram e discutiram as transformações do conceito de crime e as estratégias de combate à criminalidade na segunda metade do século XIX em Portugal. Através de seu romance *Mistérios de Lisboa* (1854), Camilo, em diálogo com Eugène Sue, mostra que fidalgos e burgueses endinheirados, longe de precisarem transgredir para garantir a sua subsistência, se valiam das mais variadas formas de violência para alcançar seus objetivos. A diferença, como Camilo comprova em *Memórias do Cárcere* (1862), é que a cadeia parecia ser o destino apenas dos delinquentes mais pobres. No final do oitocentos, investigadores, médicos e peritos contam com um novo aparato científico para comprovar a ocorrência e descobrir a autoria de um crime. Os periódicos e os romances passaram a retratar e registrar tais procedimentos em detalhes. Gervásio Lobato, atento às inovações da ciência, trazidas para a literatura, esgotou, em *Os Invisíveis de Lisboa* (1886-1887), em colaboração com Jayme Victor, e em *Os Mistérios do Porto* (1890-1891), todo o vocabulário criminal da época: assassinatos, associações secretas, assaltos de estrada, envenenamentos, furto, duelo, adultério, lenocínio, prostituição, estupro, raptos, violação de menores, tribadismo, sodomia, etc. E muitos desses casos foram inspirados em famosos crimes que, de fato, aconteceram e foram estampados nas páginas dos jornais.

**A HISTÓRIA CONTA A HISTÓRIA: O OLHAR DE PEPETELA SOBRE  
ANGOLA EM JAIME BUNDA, AGENTE SECRETO**

*Carla Portilho (UFF)*

A literatura periférica contemporânea tem se mostrado particularmente prolífica na produção de ficção criminal e detetivesca. Esta apresentação visa refletir sobre o caminho seguido por Angola após a conquista de sua independência, analisando o romance *Jaime Bunda, agente secreto*, primeiro romance policial angolano, publicado por Pepetela em 2001. A partir de um enredo e de uma estrutura narrativa que se afastam da literatura detetivesca tradicional ao mesmo tempo em que dialogam com ela, Pepetela constrói o romance como uma revisão paródica da ficção detetivesca hegemônica, um “falso romance policial”. Como outros autores situados à margem do centro hegemônico, o autor usa o fato policial como um pretexto para a construção do texto crítico da paródia – as aventuras do detetive são narradas contra o pano de fundo da história e da cultura angolanas. O romance policial apresenta-se, assim, fundido ao romance histórico e à etnografia, abrindo uma ampla discussão a respeito de questões políticas e sociais referentes à história de Angola.

## **O OUTRO LADO DE UM CRIME: O SEGREDO DA MORTA, DE ANTÓNIO DE ASSIS JÚNIOR**

*Maria Cristina Batalha (UERJ)*

Este trabalho tem por objetivo discutir a relevância do "romance de costumes" *O Segredo da Morta*, de António de Assis Júnior, surgido inicialmente em folhetim, no jornal *A Vanguarda*, em 1929, e posteriormente publicado em forma de livro pela editora A Lusitânia, em 1934. Formado na tradição do jornalismo, única forma possível de inserção do intelectual na Angola colonial, António de Assis Júnior é considerado pela crítica como o iniciador do romance nesse país. Trazendo como título uma ambiguidade desconcertante, *O segredo da morta*, (romance de costumes angolenses), deixa que a descrição dos costumes e das mazelas da sociedade colonial seja tomada progressivamente pela palavra literária e pela imaginação que ficcionaliza a realidade ao seu redor e serve de fonte reveladora de um crime cometido na cidade, cuja origem se desconhece. O elemento que introduz a fantasia é a presença do sobrenatural, responsável por mesclar os dois mundos, combinando a existência real de uma morte misteriosa e a fábula imaginativa que permite o seu esclarecimento. A voz do além ganha, assim, a dimensão daquilo que podemos nomear de realismo maravilhoso, ou realismo animista, particularidade da ficção africana de um modo geral, conforme nos sugere Pepetela, em *Lueji* (1989).

**MESAS-REDONDAS**

**Configurações do crime no Brasil**

**MATTOS, MALTA OU MATTA? DE ALUÍSIO AZEVEDO: MAIS QUE UM  
ROMANCE POLICIAL**

*Ana Gomes Porto (UNICAMP)*

*Mattos, Malta ou Matta?* foi uma publicação feita pelo jornal *A semana* em decorrência das notícias de um suposto desaparecimento ocorrido em 1884. O texto, inicialmente impresso sob a forma de cartas e folhetim, não vinha assinado. Em primeira pessoa, chama a atenção o formato dado à narrativa – assemelha-se a um romance policial. O objetivo desta comunicação será apontar as proximidades entre *Mattos, Malta ou Matta?* e os romances policiais (ou judiciários) de Émile Gaboriau, àquela época já bem conhecido do público brasileiro. Pretende-se perceber em que medida Aluísio Azevedo (autor da narrativa) assimilou ou subverteu o gênero recém-criado.

**DISTOPIA, CRIME E POESIA: UMA LEITURA DO BRASIL 2020 EM A  
GERAÇÃO QUE ESNBOU SEUS VELHOS, DE RICARDO LISIAS**

*Dejair Martins (UERJ)*

Um narrador poético, que nada tem de lírico, põe-se a declamar os fatos reais, possíveis, imaginários e apocalípticos de um Brasil situado em 2020, mas que bem poderia nos mostrar um possível e provável futuro não muito distante. É nesse cenário, localizado a princípio com a gravíssima crise da Covid que lotou os hospitais, em que os velhos perderiam a primazia nos atendimentos de emergência em detrimento aos jovens, pretensamente mais sãos e aptos a sobrevivência, que Ricardo Lisias constrói sua série de poemas intitulada *A geração que esnobou seus velhos*, totalmente imerso e mergulhado nesse contexto de caos e distopia em um país que parece esquecer os princípios mais básicos do indivíduo. Assim, o autor de modo irônico e perspicaz tece e analisa criticamente observações sobre essa terra de ninguém que por ora habitamos mediante uma narração que perpassa por ocorrências e acontecimentos ao seu redor à medida que o contexto de violência, crimes, barbárie e degradação social se torna uma constante, ao mesmo tempo em que a verve poética permite divagações e comentários que enriquecem e tornam esse texto uma fonte de consulta fundamental nesse Brasil de hoje.

## A EMPRESA EDITORA BRASILEIRA E SUA COLEÇÃO DE “GRANDES ROMANCES POLICIAIS”: BRASILEIROS ESCRREVENDO LITERATURA DETETIVESCA NOS ANOS 1930 SOB A ÉGIDE DO PSEUDÔNIMO ANGLO-SAXÃO?

*Leonardo Nahoum (UFF)*

Embora venha ganhando estofo crítico e maior visibilidade nas últimas décadas, a literatura policial brasileira ainda se ressentida da falta de olhares mais plurais que a enxerguem como um fenômeno de massa já consolidado entre nós na década de 1930, embora de maneira algo troiana – referimo-nos às primeiras grandes coleções clássicas traduzidas, como a *Série Negra* (da Companhia Editora Nacional de Lobato) e a *Coleção Amarela* (da editora Globo), mas particular e principalmente a produções em vernáculo, escritas por brasileiros, publicadas como se fossem traduções de autores de língua inglesa, com direito a vistosas capas coloridas e títulos chamativos que respondiam às regras do gênero para a época.

Ainda marcada por demasiado pelos paralelos com os mecanismos da produção literária mais canônica, a própria historiografia do gênero no Brasil buscou como marcos inaugurais obras de autores com vínculos fortes com círculos literários de maior prestígio (como a própria ABL) – caso do sempre citado *O mistério*, de 1920, escrito por notáveis imortais como Medeiros e Albuquerque e Coelho Neto –, acabando por desconsiderar obras de lavra nacional autêntica ainda mais precoces, como os contos das *Aventuras de Cherloquinho* (em jornal em 1916 e em volume em 1917) – que, sugerimos em nossa tese de 2019, pode muito bem sem um novo princípio temporal tanto para uma literatura infantil brasileira quanto para uma literatura detetivesca nacional (PACHE DE FARIA, 2019).

A década de 1930, quando o romance policial passa a ser mais amplamente lido no Brasil, é virtualmente desconsiderada nos dois mais conhecidos levantamentos bibliográficos que possuímos: *O mundo emocionante do romance policial*, de 1979, de Paulo de Medeiros e Albuquerque, e sua por assim dizer continuação, a brochura *Literatura policial brasileira*, de 2005, de Sandra Reimão (MEDEIROS E ALBUQUERQUE, 1979; REIMÃO, 2005). Mas há no período, além dos já conhecidos

trabalhos de Jerônimo Monteiro (seus volumes de contos de Dick Peter surgem em 1938), provavelmente *dezenas* de livros policiais escritos por brasileiros – publicados de maneira seriada em revistas infantojuvenis ou em coleções populares voltadas à “mocidade” – esperando serem descobertos, reconhecidos, lidos e estudados. Como contribuição a esse buraco negro em nosso conhecimento literário do gênero e do período, apresentaremos em nossa comunicação *nada menos que doze romances policiais brasileiros* (segundo nossa hipótese) por nós descobertos – verdadeiras preciosidades bibliográficas, publicados pela paulista Empresa Editora Brasileira a partir de 1935, sob pseudônimos como Franklin Lewis e Sir Leinster Berwick e de títulos como *O Roubo dos 100 milhões de Dólares* e *O Crime de Chang-Fu*.



**MESAS-REDONDAS**

**Crime e mentes conturbadas**

**A POÉTICA DO DESCONFORTO EM *A CASA QUE JACK CONSTRUIU* (2018),  
DE LARS VON TRIER**

*Luciano Cabral (UERJ)*

Em 2018, durante a exibição de *A Casa Que Jack Construiu* no Festival de Cannes, uma centena de espectadores fugiu da sessão. Muitos apontaram que o filme causava mal-estar e vômito, como declarou o editor da revista *Variety* Ramin Setoodeh em seu twitter: “uma das piores experiências cinematográficas da minha vida”. Depois de sete anos fora do festival francês (por ter sido considerado *persona non grata*), o premiado diretor Lars von Trier volta a Cannes com sua obra sobre um assassino em série que deseja ser um artista icônico. É a partir da reação desses espectadores (e das críticas negativas ao filme) que lançamos uma pergunta sobre ficções de serial killers: hoje em dia, em que a representação de assassinos em série tem sido bem frequentes, o que fez (e o que faz) *A Casa Que Jack Construiu* ter sido uma experiência ruim? O que se propõe como resposta é que essas reações negativas tem razões não só éticas, mas sobretudo estéticas. Von Trier parece ainda estar seguindo as regras do seu extinto movimento Dogme 95. Assim, *A Casa Que Jack Construiu* pode estar subvertendo as convenções dos filmes sobre serial killers. A lista de filmes anti-gênero de von Trier talvez inclua obras como *Anticristo* (2009), *Melancolia* (2011) e *Ninfomaníaca* (2013). Se nesses filmes ele subverte o horror, a ficção científica e a pornografia respectivamente, ele aparentemente fez o mesmo em *A Casa Que Jack Construiu* (2018). O que talvez von Trier queira seja suscitar um desconforto epistemológico que intensifique os efeitos estéticos de seu filme.

## **O NÃO-DITO E O MAL DITO**

*Olga Kempinska (UFF)*

Tomando como o ponto de partida a configuração do sujeito gótico em sua relação com o medo, a comunicação visa à profunda culpabilidade apreendida pelo sujeito nas narrativas de Herta Müller e de Samuel Beckett, explorando a experiência da linguagem em sua relação com o sofrimento psíquico e físico. Herdeira das explorações dos subterrâneos góticos e neogóticos, e inscrita em uma estrutura do círculo vicioso e absurdo, constituindo não apenas o motivo da culpa, como também o castigo, a linguagem, experimentada como a linguagem do Outro, não mais assegura os limites do sujeito. Paradoxalmente, a linguagem alienada encontra justamente na mentira um mecanismo eficaz de esquiva, percorrendo destarte os difíceis caminhos do bilinguismo, assim como da resistência contra a opressão simbólica do sujeito. A descoberta da alienação linguística e a experiência da linguagem dos outros como composta de mentiras fazem com que o sujeito empreenda e luta contra a própria linguagem. Nesse enfrentamento investido pelo intenso sofrimento a mentira se revela como o meio provisoriamente eficaz, afirmando-se em seus aspectos de transgressão e levando a subjetividade à exploração do sentimento da culpabilidade, o que, por sua vez, enfatiza a natureza ética do dizer humano.

## **SHERLOCK HOLMES E O DR. FREUD: A ATENÇÃO AOS DETALHES (APARENTEMENTE) INSIGNIFICANTES**

*Pascoal Farinaccio (UFF)*

Em suas famosas "Conferências Introdutórias à Psicanálise" (1916-1917), Sigmund Freud afirma que a ciência por ele criada tem como "objeto de seu exame aqueles eventos modestos, descartados pelas demais ciências como demasiado insignificantes – o refugio, por assim dizer, do mundo dos fenômenos". Sabemos que é justamente essa atenção freudiana ao detalhe "insignificante" que lhe permite, no contexto terapêutico, explorar a profundidade do inconsciente a partir dos sintomas de seus pacientes, bem como, em sua crítica de arte, interpretar o "Moisés", de Michelangelo, a partir da análise de elementos mínimos e discretos da obra. Ora, essa atenção aos detalhes que conduz às grandes revelações é uma característica também dos melhores detetives, em especial de Sherlock Holmes, cujas histórias, aliás, Freud apreciava. Pensadores como Rancière e Michael Shepherd esmiuçaram as afinidades eletivas entre Holmes e Freud. Já o escritor norte-americano Nicholas Meyer levou tal proximidade ao seu ponto extremo ao imaginar um encontro entre esses dois homens em seu romance "Uma Solução Sete por Cento" (1974). Nessa narrativa, cujo autor seria Watson, Holmes viaja a Viena para se consultar com o Dr. Freud em busca de cura para seu vício com a cocaína. Em Viena, ambos acabam se envolvendo na elucidação de um crime, cada qual contribuindo à sua maneira para o esclarecimento do caso. O objetivo dessa comunicação é esclarecer os nexos que unem um personagem de ficção ao inventor da psicanálise a partir da atenção aos detalhes (aparentemente) insignificantes, levando sobretudo em consideração o romance "Uma Solução Sete por Cento".

**COMUNICAÇÕES**

**A tradição detetivesca**

## **UM OLHAR PARA O FUTURO: GÓTICO URBANO E CULTURA MIDIÁTICA NA TRILOGIA DETETIVESCA CLÁSSICA DE EDGARD ALLAN POE**

*Ana Raquel Silva*

"Vida e experiência urbana historicamente compõe o *background* para a formação da tradição detetivesca na modernidade. A imagem da cidade obscura e labiríntica, despertando inquietudes e o fascínio pelo mistério à espreita em suas ruas e vielas apresenta características relacionadas ao gótico urbano em seu excesso, transgressão e ambivalência. Nessa perspectiva, vemos na trilogia clássica de Edgard Allan Poe: "Os Assassinatos na Rua Morgue" (1841), "O mistério de Marie Rogêt" (1842) e "A carta roubada" (1844) que a investigação detetivesca traz elementos inovadores relacionados à cultura midiática da época, proporcionando assim tons mais realistas, com a possibilidade de uma maior identificação do cidadão com as narrativas propostas. A ambientação de todas as narrativas é apresentada com uma certa "pitada de noir" a partir da descrição mais sombria ou "acinzentada" da cidade parisiense, assim como no comportamento físico e psicológico de seus personagens. Nesses contos, Poe, com a ironia que lhe é peculiar, aponta para questões que orientariam futuramente a ficção detetivesca, onde a criminalidade apresenta uma complexidade de fragmentos que entrelaçam fato e ficção numa teia de estranhamentos, medo, terror psicológico e abjeção relacionada à monstruosidade animalesca. Todos esses fatores desenvolvidos estão de uma forma ou outra presentes nas narrativas criminais investigativas ao longo do século XX.

## **CONTEMPLANDO PISTAS: ANALISANDO HOLMES ATRAVÉS DE AUTORES BRASILEIROS**

*Isabela Duarte Britto Lopes*

A ideia desta comunicação é apresentar o que acontece com o icônico detetive criado por Sir Arthur Conan Doyle, Sherlock Holmes, quando ele chega em território tupiniquim. Ao fazer um estudo comparativo entre as obras de Doyle protagonizadas por Holmes e os romances brasileiros *O Xangô de Baker Street* (1985) e *Melodia Mortal* (2017), nota-se que nas obras em questão Holmes apresenta características distintas da sua essência fria e britânica para adentrar nos mistérios brasileiros e até mesmo aprender mais sobre a sua cultura. Levando em consideração os principais traços que fazem do detetive inglês o que conhecemos atualmente somados às questões culturais discutidas por Stuart Hall (1992), Linda Hutcheon (1996), entre outros, propõe-se uma discussão sobre o impacto cultural causado ao personagem, ainda que este seja conhecido por sua essência extraordinária e peculiar, quando se pensa em Holmes com o olhar de autores nacionais. Ademais, é importante refletir sobre como essas novas perspectivas também podem tornar o leitor mais engajado com as obras.

## **FICÇÃO CRIMINAL COMO LITERATURA GLOBAL: O CASO DO *NORDIC* *NOIR***

*Marcela Miller*

Ao longo de sua história, a ficção criminal tem demonstrado seu poder de adaptação a novos cenários, com a moldura do gênero sendo preenchida pela mais diversa matéria narrativa por todo o globo, constituindo-se, portanto, como uma verdadeira literatura global. Mas sua difusão sem restrições pelo globo também fez da ficção criminal um veículo de difusão de diferentes culturas e modos de vida, permitindo expressões locais de fenômenos decorrentes do processo de globalização, como tráfico de drogas e de pessoas, crimes financeiros e afins. Nesse contexto, o caso da ficção criminal nórdica é exemplar, ao romper paradigmas do gênero e incorporar as tensões de um mercado que, se já internacional há muito, sente as novas pressões de um mundo que se globaliza em velocidade crescente. Este trabalho parte da trilogia *Millenium*, de Stieg Larsson, para analisar o fenômeno comercial do *Nordic Noir*.



## **O DETETIVE NA SENSATION NOVEL INGLESA: O AGENTE CARTER EM "UM CRIME MISTERIOSO" DE MARY E. BRADDON**

*Tassiane Andreza Damião dos Santos*

O detetive particular apareceu pela primeira vez na ficção na figura do C. Auguste Dupin personagem de Edgar Allan Poe. Segundo Sandra Reimão (1983), Poe nos apresenta Auguste Dupin em "Os assassinatos da Rua Morgue" (1841) como o precursor da tradição detetivesca. Na Inglaterra, a criação do departamento de detetives em 1842, cujo objetivo era investigar e solucionar casos, pela Metropolitan Police Service fez emergir para os romancistas vitorianos um novo conceito: a do personagem capaz de desvendar enigmas por métodos dedutivos. A influência de Edgar Allan Poe e do novo departamento de detetives recaiu principalmente nas obras dos autores e autoras envolvidos nas produções das chamadas *sensation novels*, romances publicados em periódicos a partir de 1860 na Inglaterra e que tratavam de temas como crimes, bigamia e adultério. Uma das fundadoras desse gênero foi a britânica Mary Elizabeth Braddon (1835 – 1915) com a obra "Lady Audley's Secret" (1861-1862). Trabalharemos nesta apresentação a composição do personagem Agente Henrique Carter da Scotland Yard, um detetive na *sensation novel* "Um crime misterioso" (tradução da obra "Henry Dunbar; the story of an outcast" de 1864) de autoria de Mary E. Braddon.

## **BRASILEIRAS QUE ESCREVEM ROMANCES POLICIAIS**

*Vera Carvalho Assumpção*

Há 100 anos, por volta de 1920, ocorria a “Era de Ouro do Romance Policial”, que deve muito às damas do crime e seus personagens misteriosos. Neste milênio, a literatura de gênero (terror, fantasia, policial, etc..) vem ganhando espaço entre brasileiros/as. Há diversas mulheres que vêm se dedicando às histórias policiais.

Pretendo mencionar autoras que li, em ordem alfabética, falando sobre um de seus livros. Cada uma que escreve policial tem uma característica e aborda uma causa social. Faltas serão sentidas, mas pretendo continuar lendo e comentando livros policiais escritos por brasileiras: Andréa Nunes, *A Corte Infiltrada*; Claudia Lemes, *Inferno no Ártico*; Cristiane Krumenauer, *A Máscara de Flandres*; Day Celestino, *Plus Size*; Débora Gimenes, *Chamas da Morte*; Ironi Jaeger, *O Segredo da Família Romans*; Iza Artagão, *Fome*; Patrícia Melo, *Fogo Fátuo*; Paula Bajer Fernandes, *Nove Tiros em Chef Lidu*; Sandra Abramo, *Vestígios – Mortes Nem Um Pouco Naturais*; Vivianne Geber, *Missão Pré-sal*; Zia Stuhau, *Anjo Russo*. Não poderia deixar de mencionar meu detetive Alyrio Cobra, que atua na cidade de São Paulo e possui diversas investigações publicadas, em romances e contos.

**COMUNICAÇÕES**

**O feminino no crime**

**“COM A MÃO FIRME E DOCE” SE SUBVERTE O SISTEMA: CRIMES (D)E  
GÊNERO EM MARIA TERESA HORTA**

*Arthur de Souza Almeida de Araújo*

O presente trabalho traz uma análise dos crimes de gênero em dois momentos da literatura de Maria Teresa Horta. No primeiro momento, são estudados os poemas presentes no livro *As mulheres de Abril* (1976) onde, através da referência com o texto jornalístico, tem como tema principal a violência, tanto simbólicas quanto física, sofrida por mulheres em ambiente doméstico, ou público. No segundo momento, é estudado o conto *Com a mão firme e doce*, do livro *Azul Cobalto* (2014), onde, de maneira, subversiva, a narradora relata o seu crime de matar o seu próprio marido. Na análise desses dois momentos, segunda metade do século XX e início do século XXI, pretende-se destacar e questionar a mudança e alternância nas relações de gênero sexual, entendendo que a violência, por uma perspectiva feminista, pode ser usada como forma de autodefesa no sistema patriarcal. Esse estudo tem como base teórica as reflexões de Judith Butler sobre corpo e gênero; e também de Elsa Dorlin sobre a filosofia da autodefesa e a violência ao longo da História.

## **PRIMEIRAS DAMAS DO CRIME: UM OLHAR SOBRE A COMPLEXA FUNÇÃO DAS MULHERES CAMORRISTAS**

*Camille Pessoa Pedrosa*

O presente trabalho tem como objetivo analisar brevemente o papel da mulher, enquanto *mamma* italiana (uma instituição no país) dentro da máfia reconhecida internacionalmente como camorra, organização criminal predominante na cidade de Nápoles, sul da Itália. Vale esclarecer que, em diversos contextos a justiça acaba por contribuir para a entrada da mulher no mundo do crime, pois muitas vezes é após a detenção do companheiro criminoso, que a mulher debuta ativamente no universo mafioso. Segundo Roberto Saviano, autor de *Gomorra* as primeiras damas da Camorra acabam por optar entre duas principais posturas: passiva, aquela que se contenta em receber a mesada entregue pela máfia e não participa ativamente das atividades ilícitas; e ativa, aquela que não só atua nas funções criminais, mas passa a desempenhar um importante papel dentro da organização, muitas vezes se sobrepondo ao próprio *boss* encarcerado. A esse respeito interessa-me analisar as complexidades presentes nas atuações dessa mulher de “negócios” do crime, que mesmo incorporando tal função, não deixa de representar a típica *mamma* italiana, muitas das vezes tendo que tomar decisões difíceis até mesmo em relação aos seus próprios filhos, como prepará-los para o mundo do crime. Para isto, o corpus desta análise será principalmente o capítulo “Mulheres” do livro *Gomorra* de Roberto Saviano, e a primeira temporada de sua homônima adaptação televisiva, tendo como foco principal Imma Savastano, esposa do boss Pietro Savastano, uma personagem fictícia, mas inspirada em primeiras damas reais da Camorra.

## **O DELITO COMO MÁQUINA DE JUSTIÇA: COMO MATAM AS MULHERES QUE MATAM HOMENS?**

*Glaucia Moreira Secco*

Temas como escravidão sexual, violências de gênero, tortura e misoginia têm sido trazidos às narrativas de ficção como ferramentas de denúncia, dando aos enredos um caráter de manifesto político. No primoroso *Le viste la cara a Dios* (2018), Gabriela Cabezón Cámara reescreve o conto “A bela adormecida” situando a personagem Beya em um prostíbulo de Buenos Aires. Já nas primeiras linhas da narrativa, sabemos a que se pretende a história a ser contada: “pegar o pau, sair dali, fugir do corpo que perde o alento nas mãos de outro” (CÁMARA, p.6, tradução minha). Pegar o pau é propositalmente ambíguo: Beya é uma escrava sexual submetida a corpos alheios. Seu sangue mistura-se aos fluídos daqueles que a violentam constantemente. Ela deseja pegar o pau, arrancá-lo. Arrancar violentamente o falo que a violenta. No filme *Promising Young Woman* (2021), de Emerald Fennell, a personagem Carrey Mulligan submete-se a encontros com homens em boates, fingindo-se de bêbada, para vingar-se deles mostrando-lhes seu comportamento inadequado e abusivo contra mulheres em situações de vulnerabilidade. Seu objetivo inicial não é o de matá-los, mas sim deixá-los em situação de vexame por conta de suas atitudes em relação às mulheres. Carrey, assim como Beya, pega o pau e arranca, embora simbolicamente. Partindo da premissa de que o delito é uma ferramenta epistêmica para contar a história de uma mulher que sai do status de vítima para o de assassina de seus algozes (LUDMER, 2002), este trabalho persegue os rastros das “novas máquinas de justiça” (GAGO, 2020) em ambas as obras, indagando-se: como matam as mulheres que matam homens?

**POR TRÁS DE UM GRANDE HOMEM: MULHERES DE CRIMINOSOS  
COMO PROTAGONISTAS EM NARRATIVAS CRIMINAIS**

*Isadora Pessoa Fernandes*

A proposta do presente trabalho é investigar a presença da personagem feminina enquanto coadjuvante do cenário criminal na narrativa criminal contemporânea brasileira. Partindo do conto “Ana Davenga”, presente na coletânea *Olhos d’água* (de Conceição Evaristo), do romance *A número um* (de Raquel de Oliveira), e da personagem Bibi Perigosa (da novela *A força do querer*), busca-se verificar como as mulheres inscritas nessas narrativas lidam com o ambiente criminal na qual se veem envoltas por meio de relações afetivas, para além dessas relações propriamente ditas. Considerando-se que há uma representação diferenciada desses criminosos para a sociedade — bem como para seus parceiros de crime — e para as mulheres aqui estudadas, faz-se mister destacar esses múltiplos pontos de vista e identidades que se entrecruzam nas personagens. Para dar conta das tensões e aproximações tecidas entre as três (Ana, Bonitona e Bibi), bem como os signos que as representam e como tecem suas reflexões acerca da justiça, faremos uso dos escritos de Karl Erik Schöllhammer em *A cena do crime: violência e realismo no Brasil contemporâneo* (2013).

## **MEU AMOR VAI ME MATAR: A NARRATIVA CRIMINAL EM LINDONÉIA**

*Luciana C. B. Ferreira*

"O objetivo do trabalho é analisar a configuração da imagem da mulher que morre “por amor” no diálogo entre o quadro *Lindonéia, a Gioconda do Subúrbio* (1966), do artista plástico Rubens Gerchman, e *Lindonéia* (1967), canção composta por Caetano Veloso e Gilberto Gil com performance de Nara Leão, que integra o álbum *Tropicália ou Panis et Circencis*. A canção surge a partir da imagem produzida por Gerchman e ambas as obras se alimentam das páginas de jornais da época, onde constavam notícias policiais sensacionalistas sobre crimes passionais para construir uma narrativa crítica sobre o apagamento de uma mulher jovem, anônima e periférica que ganha visibilidade póstuma devido à sua condição de vítima. O caso e a imagem da mulher ganham o contorno kitsch que a *Tropicália* denuncia e metaforiza. É importante também destacar que os dois trabalhos artísticos são feitos por homens que se utilizam de partes do corpo feminino (a imagem do rosto e o som da voz) em sua expressão. Por isso, consideramos importante articular a questão proposta com a perspectiva filosófica de Adriana Cavarero (2011), que aborda a tensão entre a racionalidade masculina e a corporeidade feminina no pensamento e na arte ocidental.



**COMUNICAÇÕES**

**Narrativa criminal brasileira do século XX**

**OS FAIT DIVERS E A DRAMATURGIA RODRIGUIANA: UM ESTUDO DA  
PEÇA BOCA DE OURO, DE NELSON RODRIGUES, SOB A PERSPECTIVA  
CRIMINAL**

*Daniel Reis Pessanha*

Tendo como base a reportagem policial da primeira metade do século XX e a contribuição dos *fait divers* para a narrativa criminal desta época, busca-se realizar um estudo sobre a narração ficcional dos crimes cotidianos, pois, como afirma Carla Cristina Costa Alves, “o cotidiano da reportagem policial é feito de histórias que seduzem autor e leitor a ponto de, embora intrinsecamente ligadas à realidade – ou não seria jornalismo – se aproximarem, em sua forma, da ficção”. (ALVES, 2001, p. 5). Além disso, a fim de compreender as contribuições que este tipo de jornalismo teve na dramaturgia rodriguiana, o presente artigo estudará ainda a peça *Boca de Ouro* (1959), de Nelson Rodrigues, sob a perspectiva criminal, pois, como afirma o próprio autor, “a reportagem policial vai transformar-se para sempre num dos elementos básicos de minha visão de vida”. (Apud. Vogt, 1985, p. 17). O presente artigo tem como objetivo, portanto, estudar a narrativa criminal na dramaturgia rodriguiana, levando em consideração a influência da formação jornalística do escritor para a construção de sua obra dramaturgicamente.

## **"OS GATUNOS AGEM A VONTADE": NOTÍCIAS SOBRE ROUBO E IDENTIFICAÇÃO CRIMINAL NA IMPRENSA EM SALVADOR (1911- 1914)**

*Henrique Silva de Oliveira*

No começo do século XX, a imprensa deixou de ser apenas um produto consumido por assinantes para se tornar empresa comercial. Com a finalidade de atingir um público leitor cada vez maior, foram realizadas uma série de modificação na temática do seu noticiário, para assuntos que alcançassem um número maior possível de compradores com notícias sobre carnaval, futebol e crimes. Nas manchetes dos jornais era comum que as cidades brasileiras, principalmente as suas capitais fossem consideradas ambientes inseguros, recheadas de ladrões que arrombavam estabelecimentos comerciais, casas, “batendo” bolsas e carteiras pelas ruas. Alguns desses ladrões se tornaram "famosos" graças a cobertura jornalística, que fazia dos crimes enredos de histórias contadas em matérias, cujo objetivo não era somente informar mas também para entreter os leitores. A relação entre os criminosos reais e os personagens da ficção policial foi resultado do processo de divisão do trabalho nas redações dos jornais, que fez emergir o repórter, sujeito responsável por apurar as notícias nas ruas. Como inexistia faculdade de jornalismo no país, muitos dos repórter policiais eram formados ou estudantes de direito, medicina, outros eram escritores, literários ou cronistas. A influência da literatura de crime e uma certa aliança entre a imprensa e a polícia, foi fundamental para a confecção de uma gramática criminalizadora nos jornais, um importante intercâmbio entre literatura e jornalismo, para a construção de ladrões célebres, que nos permite compreender o que significava ser conhecido e identificado pela polícia em Salvador nas primeiras décadas da República.

## **LÚCIO CARDOSO, ARTISTA MÚLTIPLO: RELATOS DA EXPERIÊNCIA CARDOSIANA COM O TEATRO E O CINEMA**

*Leonardo Ramos Botelho Gomes*

Lúcio Cardoso foi um artista potente, criador de romances, novelas, poemas, contos, um livro infantil, pinturas, desenhos, roteiros, textos dramáticos, se aventurando, ainda, na direção de cinema e teatro. Nos diários, demonstra um vasto repertório de leituras, abrangendo a literatura universal, atento também à produção cinematográfica. Haveria, para ele, limites impostos por gêneros? Em nossa comunicação apresentaremos um breve panorama dos empreendimentos de Cardoso no que tange ao teatro e ao cinema, ressaltando a “maquinaria gótica” presente na composição do texto dramático, bem como a experiência do escritor com a montagem de obras selecionadas e a relação ácida com a crítica literária. Elencaremos, também, seus projetos cinematográficos, com ênfase aos temas que percorrem seu projeto artístico. Na multiplicidade de linguagens, Lúcio demonstra habilidade na criação de efeitos de sentidos filiados à estética negativa, sendo comum, por exemplo, acontecimentos sobrenaturais e crimes que contornam, sobremaneira, as personagens femininas. Para tal exposição, partimos, principalmente, da consulta aos diários de Cardoso e a alguns periódicos cariocas.

## MISTÉRIOS DE PAGU: UMA INCURSÃO NA *PULP FICTION* DE PATRÍCIA GALVÃO

*Raquel Morais*

É inegável a grande popularidade alcançada pelas *pulp magazines*, especialmente na primeira metade do século XX. Embora não possamos afirmar que tenha existido uma forte tradição das chamadas *pulp fiction* no Brasil, como atestam França (2013) e Causo (2014), é fato que algumas revistas tiveram boa recepção em nosso país, oferecendo ao leitor a tradução de conhecidos escritores estrangeiros e contando com a participação de autores brasileiros velados sob pseudônimos. Em 1944, Patrícia Galvão, mais conhecida como a Pagu do movimento Modernista, escreveu contos detetivescos para a revista *Detetive*. Nota-se o peso da influência do modelo estrangeiro tanto na redação dos textos quanto no pseudônimo escolhido: King Shelter. Por essa opção de um nome masculino grafado em língua inglesa e pelo conteúdo diferir totalmente do projeto literário de Pagu, a verdadeira autoria dos contos ficou desconhecida do público até os anos 1990, quando estes foram descobertos e compilados no livro de contos *Safra Macabra* por Geraldo Galvão Ferraz, filho da autora. A presente comunicação visa explorar a face de Pagu que recria os artifícios do gênero detetivesco, dando ênfase às singularidades dos contos e ao pioneirismo da autora, no que diz respeito a autoria feminina na ficção criminal brasileira.

**COMUNICAÇÕES**

**Estado, violência e crime**

## **INFANTES E INFANTICIDAS NA NARRATIVA CURTA DE FIALHO DE ALMEIDA**

*Elisabeth Fernandes Martini*

Desde que se firmou na imprensa lusa como jornalista, contista e polemista, José Valentim Fialho de Almeida (1857-1911) convulsionou as redações e as ribaltas com a sua crítica desabrida, aliada a uma narrativa dúctil e vibrante. Captou assim a preocupação crescente da sociedade portuguesa, ainda no século XIX, para com o filho ilegítimo e/ou desamparado, que veio a ganhar gradual destaque na mídia impressa de fim de século. Além de dar vazão à crescente indignação popular em seus artigos de opinião, Fialho de Almeida deu também visibilidade à infância pelo veio da prosa ficcional, haja vista “Conto do Natal” e “O menino Jesus do Paraíso”, ambas – narrativas curtas – coligidas no volume *O país das Uvas*, cuja primeira edição ocorreu em 1893. Abordando situações-limite porque passavam as crianças, em especial as mais pobres, sujeitas ao abandono e/ou ao infanticídio, deu nome ao crime e rosto ao criminoso, os quais se prestam a objeto de interesse da presente comunicação.

## **ADOLESCENTES E NARCOTRÁFICO**

*Sergio Martins Conceição Rosa*

A partir da análise do livro *Fiel*, de Jessé Andarilho, do documentário *Falcão, meninos do tráfico*, do MV Bill e das letras de música *Vida Loka – Parte 2*, dos Racionais MC'S e *Soldado do morro*, do MV Bill, este trabalho busca discutir as problematizações referentes aos adolescentes envolvidos com o narcotráfico em comunidades, tais como a criminalização da pobreza, a corrupção e a violência policial, o abandono do Estado, o vício em entorpecentes como fuga da realidade e diferentes configurações da criminalidade como um escapismo atrelado ao determinismo social.



## **CRIMES NA BUCÓLICA: BARBÁRIE NO ROMANCE *MOSCOW*, DE EDYR AUGUSTO**

*Suellen Monteiro Batista*

O presente estudo elabora uma análise do romance *Moscow*, de Edyr Augusto (2000), no que tange à representação da violência. Parte-se da hipótese de que as cenas de violência presentes no romance são permeadas de elementos que remetem à destituição das regras de civilidade e, à medida em que esse processo ocorre na orientação da vida cotidiana dos personagens, formula-se na narrativa a instalação de um estado de barbárie. Esse processo ocorre de modo sutil, permeia as relações, contamina o olhar para o outro e culmina no estabelecimento de novos modos de relação entre as pessoas. A presença de aspectos desse estado de barbárie pode ser observada em diversos exemplares da prosa de ficção contemporânea, em filmes e em séries televisivas. Acredita-se que o estudo dessa presença na obra em análise possibilita um duplo movimento: de reflexão acerca dos caminhos que a ficção de crime trilha na contemporaneidade e de discussão acerca da literatura ambientada na Amazônia. Para tanto, tem-se por base o estudo de Eric Hobsbawm (2013), acerca do conceito de barbárie, e de Karl Erik Schollhammer (2013), sobre violência e realismo.

## **A NARRATIVA CRIMINAL REGIONALISTA EM DEUS E O DIABO NA TERRA DO SOL, DE GLAUBER ROCHA.**

*Thais Giardinieri Carneiro Martins*

*Deus e o Diabo na Terra do Sol* (1964), segundo longa-metragem de Glauber Rocha, apresenta a história de Manuel que, após matar seu patrão, precisa fugir com sua esposa, encontrando abrigo em espaços de resistência como as seitas messiânicas e o cangaço. Vemos, assim, como o crime assume a centralidade no filme, seja através do assassinato inicial, dos saques ordenados por Sebastião para alimentar os fiéis ou na luta armada ao lado de Corisco. Longe de ser peculiaridade desta obra, o crime encontrará uma longa tradição na literatura regionalista brasileira passando por *O Cabeleira* (1876), de Franklin Távora; *Cangaceiros* (1953), de José Lins do Rego; e *Corpo vivo* (1962), de Adonias Filho— cujas obras raramente são abordadas através dessa temática. Propomos que isso seja resultado, sobretudo, de uma visão limitada do gênero conhecido como romance policial, cujo escopo se delimitaria as obras voltadas para a investigação. A partir do conceito de narrativa criminal (SASSE, 2019) podemos pensar o gênero de forma mais ampla, incluindo em seu escopo as obras centradas nos criminosos, e, assim, dando visibilidade a uma forte vertente regionalista desse gênero no Brasil. Dessa forma, buscamos analisar como *Deus e o Diabo na Terra do Sol* se enquadra nessa tradição, pensando, ainda, como o cinema dialoga com a literatura dentro dessa relação entre regionalismo e crime.